

Intervenções Urbanas Juvenis e a Constituição de Territórios Simbólicos de Resistência no Centro de BH

Youth Urban Interventions and the Resistance Symbolic Territories Constitution on BH Downtown

Daniela Matos e Milene Migliano



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1656>

DOI: 10.4000/pontourbe.1656

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Daniela Matos e Milene Migliano, « Intervenções Urbanas Juvenis e a Constituição de Territórios Simbólicos de Resistência no Centro de BH », *Ponto Urbe* [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1656> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1656

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© NAU

Intervenções Urbanas Juvenis e a Constituição de Territórios Simbólicos de Resistência no Centro de BH

*Youth Urban Interventions and the Resistance Symbolic Territories Constitution
on BH Downtown*

Daniela Matos and Milene Migliano

Introdução

Imagem Rua da Bahia 01, em 05/12/2006, onde vemos um sticker com o título "espaço branco" colado, onde se lê: 1. Você pode encontrar um espaço branco por aí; no posto, num papel, nos seus relacionamentos, na sua rotina, no seu corpo... 2. Quando isso acontecer não pense "que merda" e perca a oportunidade... 3. nenhuma oportunidade de expressão e vivência pode ser desperdiçada assim... 4. Viva o infinito das possibilidades. 5. Deixe seu espírito brincar como uma criança no playground dos seus desejos!". Do lado esquerdo, um papel que continha apenas o título espaço branco e a palavra criatividade entre colchetes no canto inferior direito. E um desenho de um rosto sorrindo (o vigia, de Xeréu, um dos primeiros interventores urbanos em BH) foi feito com caneta azul. Podemos perceber como em todo o portão está ocupado, com vários stickers colados que tem indicações dos sites e blogs dos interventores e inscrições.

- 1 O presente artigo pretende reconhecer e analisar intervenções culturais urbanas produzidas por jovens que habitam a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, Brasil. Essas intervenções se materializam nos espaços públicos da cidade, sob a forma de práticas de escrita na cidade - inscrições, pixações, *stickers*, estênceis, *graffitis* - e são abordadas nessa análise enquanto ações táticas (CERTEAU, 2004) de ocupação de espaço e modo de expressão na cidade e na cultura urbana contemporânea. Também são rastreados movimentos de conexão entre essas intervenções materializadas na cidade e sua presença no ambiente virtual da internet, configurando mais um âmbito de interação comunicativa e produção de novos espaços de diálogos.
- 2 Essas ações táticas visibilizam posicionamentos identitários (HALL, 2000) que identificam os jovens enquanto participantes de coletivos de intervenção urbana. Além disso,

constituem-se como práticas comunicativas de resistência ao configurarem diversos territórios simbólicos, que instituem lugares de fala dos jovens na cidade. Dessa forma, o espaço urbano potencializa o compartilhamento de sentidos e a produção de narrativas que passam a constituir situações comunicativas na cidade.

- 3 As situações comunicativas são uma categoria de análise desenvolvida na pesquisa Cartografias Urbanas (CCNM/UFMG) a partir da compreensão do termo “situação” pelos adeptos da Internacional Situacionista¹. A prática situacionista estimulava a criação de situações que problematizavam a dinâmica das cidades europeias, propondo participações, entendimentos e discussões sobre os usos dos espaços urbanos. As situações comunicativas “se estabelecem por meio dos consumos e apropriações dos recursos disponíveis na urbe, reinventando modos de comunicação pelas/para as pessoas que compartilham os espaços da cidade” (MIGLIANO, 2009, p. 18).
- 4 Para realizar a análise acessamos o banco de dados da pesquisa Cartografias Urbanas (CCNM/UFMG), especificamente os registros fotográficos produzidos entre julho de 2005 e março de 2009 de intervenções realizadas no centro de Belo Horizonte no espaço denominado *Portão da Rua da Bahia* (MIGLIANO, 2009). A ocupação dos espaços virtuais foi apreendida a partir do acesso aos *blogs*², *fotologs*³ e *flickr*⁴ identificados, algumas vezes, nas próprias intervenções urbanas e, a partir desses, suas redes de interconexões. O cruzamento desse material empírico propõe a constituição de um mapa para a compreensão e entendimento de um modo específico de produção cultural juvenil enquanto prática de resistência no espaço urbano.

Posicionamento identitário e juventude

- 5 A reflexão proposta nesse artigo tem como ponto de partida a apresentação de marcas distintivas do conceito de identidade cultural proposto pela vertente teórica dos Estudos Culturais de tradição inglesa. Nessa perspectiva, a identidade cultural é entendida enquanto um processo, um empreendimento sempre em construção caracterizado por sua fluidez e dinâmica em articulação com as condições da vida contemporânea que vêm, a cada dia, acelerando os fluxos, redefinindo fronteiras, incorporando novas práticas sociais e exigindo dos sujeitos realocações constantes e contínuas.

Imagem Rua da Bahia 2 – Registrada em 16/01/09, retrata o estêncil de Elvis em diálogo, feita em tamanho real ao lado do portão da Rua da Bahia, com um adesivo promocional de uma peça de teatro, colada posteriormente por outra pessoa.

- 6 A identidade está relacionada, dessa forma, aos posicionamentos que os sujeitos assumem, e toma forma de narrativa ou texto identitário, funcionando nas palavras de Stuart Hall (1996) como “pontos instáveis” formulados no interior dos discursos da cultura e da história.
- 7 Essa perspectiva construcionista convoca para o debate um olhar mais detido sobre as formas culturais, nesse caso, as intervenções estéticas na cidade, que resultam dos posicionamentos dos sujeitos, jovens urbanos. Nossa argumentação propõe entender o conjunto de ações e práticas significativas que são formuladas a partir das vivências dos sujeitos e expressam uma tomada de posição enquanto narrativas identitárias que provocam sentidos de pertencimento a um grupo ou coletivo contemporâneo.
- 8 A partir dessa perspectiva, lançamos um olhar atento às marcas deixadas pelos sujeitos ao dar forma ao seu posicionamento identitário. Ainda que elas estejam submetidas, e em

tensão, com os limites da linguagem e das estruturas de poder que configuram os sistemas de verdade de um dado momento histórico, deixam um “rastros resistente”, nas palavras de Homi Bhabha.

- 9 Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política. (BHABHA, 2001, p. 84).

Imagem Rua da Bahia 03, em 09/03/09. O graffiti de uma menina de cabelo verde que segura uma ampulheta em suas mãos; diálogo com a imagem da mão pintada na imagem anterior. Em seu pescoço e ombro, estão aplicados dois estênceis, como se fossem uma tatuagem. O estêncil aplicado no ombro da mulher de cabelo verde, temos uma menina com o texto em sua volta: “(farto). Errado ou não” me enchi de devaneios”. No estêncil desenhado no pescoço da mulher, uma imagem de um rato e o texto “contemplei um sorriso”.

- 10 Desse modo, observamos a ação dos jovens urbanos e seus coletivos a partir das suas práticas significativas que operam como “ação tática”, na perspectiva apresentada por Michel de Certeau (2004), ao configurar um lugar de posicionamento, reinvenção e resistência diante das regulações sociais ainda que sempre em movimento e nunca completo.

(.....) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não pode ter lugar senão do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. (...) Ela opera golpe por golpe, lance por lance. (CERTEAU: 2004; 100)

- 11 Essa dinâmica astuta que demarca posicionamentos e opera a partir das brechas carrega em si um potencial de transformação, ao tensionar os sentidos hegemônicos propostos pelas “ações estratégicas” (CERTEAU, 2004), mas também ao se apropriar dos seus modos de operação resignificando-os a partir de novos usos.
- 12 Nesse sentido, compreendemos as práticas juvenis de intervenção urbana enquanto ações de resistência, que se articulam, imbricam e dialogam com as outras formas comunicativas acionadas nas metrópoles contemporâneas estabelecendo situações comunicativas que acionam e acessam seus interlocutores de diversas maneiras constituindo a dinâmica urbana compartilhada. São os “escritores da urbanidade” (BORELLI & ROCHA 2008) que se inscrevem nas cidades e são escritos por elas expressando suas demandas, inquietações e contestações diante dos sistemas hegemônicos e das regulações estratégicas materializadas em forma de narrativas contemporâneas.
- 13 Os espaços sociais vão se transformando de acordo com o modo de vida que imprimimos nesses cenários. O universo das linguagens está sendo recriado para expressar novas formas de narrativas. A narração diante da celeridade contemporânea de objetos e pessoas nos remete não mais à pluralidade da cultura moderna, mas a uma fragmentação que sugere novas percepções e possibilidades de escrita do urbano.(...) Hoje os pequenos discursos fragmentados narram a cidade. (MAIA & KRAPP: 2009; 5).
- 14 Para a proposição desse artigo ainda é importante acionarmos o conceito de resistência juvenil e, particularmente, sua atualização para o ambiente urbano e contemporâneo proposta por Freire Filho (2007). O autor nos oferece um sólido ponto de partida à medida que problematiza uma passagem, por vezes demasiadamente festiva, do conceito de

resistência inicialmente articulado a objetivos macropolíticos e coletivos com alvos e protagonistas institucionalizados à sua configuração pós-moderna, que privilegia ação locais e individualizadas e uma dimensão forte de subjetividade e fragmentação. Desse modo, o autor chama a atenção para a “necessidade impreterível de diferenciação entre os desafios mais substanciais, persuasivos e perspicazes às estratégias e às tecnologias do poder e as posturas meramente acomodatórias, frívolas ou fanfarronas” (FREIRE FILHO: 2007; 168)

- 15 A sua ressalva e postura crítica são fundamentais, não para desacreditar do potencial de resistência das ações juvenis, e sim para compreendê-las a partir de sua contextualização e dinâmica contemporânea. Ressaltando, desse modo, as “reinvenções das resistências” operadas cotidianamente pelos jovens urbanos. São essas marcas que propomos trazer à cena e refletir, a partir delas, o estar de uma juventude nas cidades, suas demandas, proposições e inquietações.

Portão da Rua da Bahia: o lugar e as práticas de escrita da cidade

Imagem Rua da Bahia 04, em 02/02/09. No diálogo, um novo lambe-lambe foi aplicado sobre o graffiti da imagem anterior. Este lambe-lambe anuncia uma feira do vinil e um brechó no edifício Malleta. Apontamos para a única imagem do cantor Roberto Carlos que ainda resiste a todas as mudanças do portão.

- 16 O objeto preferencial de análise deste artigo são intervenções urbanas localizadas no espaço identificado por *Portão da Rua Bahia* situado no edifício Sudacap Sulacap, em frente ao Parque Municipal, no centro de Belo Horizonte. A identificação e escolha desse espaço deve-se, primordialmente, ao fato de o consideramos como um lugar que exibe fortes marcas de uma apropriação juvenil e, mais ainda, práticas de resignificação no sentido de inserir o *Portão da Rua da Bahia* numa nova dinâmica de uso pelos grupos de jovens e mais amplamente pelos moradores da cidade.
- 17 Na calçada à frente do *Portão* há um ponto de ônibus, muito frequentado por estar próximo à Avenida Afonso Pena, uma das vias mais importantes da cidade, com grande fluxo de pedestres, carros e transporte público. A proximidade com a Serraria Souza Pinto, na Avenida dos Andradas e a área sob o Viaduto Santa Tereza, contribui para conectar o portão com atividades culturais juvenis desenvolvidas por ali, como o duelo de MC's, que acontece todas sextas-feiras desde janeiro de 2008 e o bazar “Domingo 9:30”, onde jovens de várias partes da cidade se encontram para trocar roupas, objetos e utensílios. Durante o período em que acompanhamos as situações comunicativas no portão, notamos que diversos ícones da cultura pop, como retratos de celebridades, referências à músicas, apropriações de cédulas de 1 real e de excertos de filmes, são atualizados nas inscrições, *stickers*, estênceis e *graffitis*.
- 18 Na esquina da Rua da Bahia com a Rua dos Tamoios existe a escadaria do edifício Sudacap Sulacap, de frente para o Viaduto Santa Tereza, como uma continuação deste, ou um começo. Estas escadas abrigam moradores de rua, que as utilizam para dormir, comer, beber, usar drogas, isto é, que usam este espaço da rua como um espaço privado, como sua casa. O uso das escadarias resulta em odores fortes de excrementos, e imagens nada harmoniosas para os que não estão inseridos nesse contexto : as pessoas que apenas passam por ali, ou que esperam seu ônibus ao lado; por isso muitos demonstram nojo por este espaço da cidade. O *Portão da Rua da Bahia* também era utilizado como sanitário, nos

seus três degraus de acesso, o que contribuía para o afastamento das pessoas que frequentam suas proximidades.

Imagem Rua da Bahia 05, em 09/03/09. Registro da imagem desenhada sobre os lambe-lambes que cobriram o portão da Rua da Bahia. Ao lado da mão que aponta o sticker ao seu lado, o texto "promoção s/ juros" indica uma apropriação dos textos de anúncios sem ter realmente esta função.

- 19 O início do estabelecimento da situação comunicativa, aqui analisada, que demarca uma nova dinâmica de usos deste espaço, aconteceu a partir da colagem de alguns stickers, também conhecidos como, lambe-lambe, que após um ano, ocuparam quase toda a superfície verde do portão dando início a uma grande variedade de formas comunicativas.
- 20 Optamos por identificar neste trabalho apenas as mais recorrentes: os *stickers*, as inscrições, os estênceis e os *graffitis*.
- 21 A palavra inglesa *sticker* significa adesivo e é utilizada para denominar a prática de colar papéis com imagens, símbolos, textos e mensagens pela cidade. Os papéis são produzidos previamente, seja a partir de cópias de uma matriz desenhada, seja a partir de impressão de desenhos, símbolos e textos produzidos pela mediação do computador. Os desenhos que são gerados no computador são intercambiados pela internet entre os praticantes deste tipo de escrita da cidade de vários lugares do mundo, constituindo uma rede que se conecta e troca imagens pela web.
- 22 Os *stickers* disponibilizados digitalmente na internet para troca entre os praticantes, trazem um picotado à sua volta com a indicação de algumas tesourinhas, comunicando a necessidade de cortar as bordas antes de colá-lo nas paredes, após impressos. O picotado em volta da mensagem a ser colada nos remete às revistas infantis que propunham atividades de recortar desenhos e colar em lugares por elas determinados. A colagem dos stickers pelas ruas de BH prioriza lugares de superfícies aderentes, tais como as portas do túnel da Praça da Estação, ou mesmo as placas de sinalização de trânsito, as da antiga estação central de metrô, as caixas de fiação de telefones. Apesar de serem em sua maioria de pequeno porte, há stickers de grandes dimensões. Os *mega-stickers* surgem da reprodução de um desenho em papéis de grandes formatos ou a partir da colagem de vários stickers pequenos formando um conjunto.
- 23 Os *stickers* são colados com goma (preparado de água, polvilho e farinha), e aplicada com rolinhos de pintura sobre o papel e na superfície, ou pela superfície com cola em seu verso. Os grupos de stickeiros saem com vários papéis na mochila para colarem pelas superfícies na cidade, com suas garrafas de goma, percorrendo quilômetros até terminar de colocar todos os papéis produzidos.
- 24 No registro apresentado, além de diversos stickers podemos identificar outro tipo de intervenção urbana: são as *inscrições* que também compõem a situação comunicativa no *Portão da Rua da Bahia*. A prática cultural de escrita da cidade, definida como inscrição, reúne todas as formas de escrever palavras na cidade sem um planejamento anterior, isto é, a partir da relação vivida no espaço urbano. Andando pela rua de casa para o trabalho, em busca de algum produto ou serviço, o sujeito depara-se com alguma situação que lhe chama atenção e o motiva a registrar algo sobre a mesma nas paredes da cidade. As inscrições são produzidas usando o que estiver à mão, como lápis, canetas, pedras que estão no chão, extrato de folhas maceradas, giz de cera, carvão, enfim, qualquer material que seja capaz de marcar as superfícies. Os textos inscritos expressam posicionamentos

dos sujeitos frente à realidade sensível, como as respostas ao texto do espaço branco, que já estava no lugar onde a prática foi realizada.

Imagem Rua da Bahia 06, em 09/03/09, onde podemos ver as reproduções de fotografias de Roberto Carlos e Santos Dumont, aplicadas como selos.

- 25 Revelam as caligrafias das pessoas que escrevem, quando podemos ler os textos em letras cursivas ou letras de forma, ou mesmo os dois tipos de caligrafia misturados. As inscrições realizam também correções ortográficas nos outros textos disponíveis da cidade, rasurando com traços e rabiscos ou sublinhando o texto incorreto. As diferentes formas de inscrição de textos no centro de Belo Horizonte revelam quando os sujeitos tiveram um tempo maior para escrever sua mensagem, ou quando no meio de um percurso apressado pararam e anotaram algo rapidamente no suporte. Na imagem acima, as inscrições registradas trazem o nome de coletivos de intervenção urbana, o desenho do vigia – imagem espalhada por toda a cidade de Belo Horizonte por Xeréu, nos últimos dez anos, – como outros desenhos realizados no sticker “espaço branco” e pelo portão, contendo os nomes dos interventores e seus coletivos.
- 26 O **estêncil** é mais uma prática comunicativa que encontramos no *Portão da Rua da Bahia*. É produzido a partir da aplicação de tinta, seja de spray automotivo ou bombi, sobre um molde (ou máscara), que após ser retirado visibiliza a imagem que se queria produzir impressa na cidade. É uma técnica que pode misturar várias máscaras para compor uma mensagem, como também é utilizada na arte final de vários *graffitis*, quando compõe a imagem criando uma textura a partir da repetição de sua aplicação. Quando produzido em grandes proporções desafia a criatividade dos sujeitos que os fabricam, já que eles tem que buscar outros materiais para os moldes, que são quase sempre chapas de raio-x, e lidar com a dificuldade de transportá-los cheios de tinta. Os moldes, que são superfícies marcadas pelo positivo das imagens, também são trocados pela internet, por meio da disponibilização destas imagens digitalizadas em diversos espaços de encontro como e.mail, flickrs, fotologs, orkut.
- 27 Assim como o *sticker*, o estêncil demanda um tempo de produção anterior, mas necessita apenas de um trabalho artesanal para poder se concretizar. Os praticantes precisam ter um molde, fazer o desenho nele, e recortar os espaços positivos. Este é um processo que muitas vezes é feito coletivamente, entre grupos de jovens, e muitas vezes usam referências que mesmo acessíveis aos sujeitos que percorrem os espaços urbanos, comunicam sentidos diferentes aos coletivos que os praticam. A sua aplicação na cidade é feita com uma preparação da saída, já que alguns cuidados com a máscara e sua limpeza devem ser tomados após a impressão da imagem na cidade.
- 28 A quarta prática cultural de escrita da cidade que identificamos nessa análise é o **graffiti**. Esta intervenção relaciona técnicas de desenho de letras, rostos, paisagens e outras criações com sprays automotivos de várias cores e tintas aplicadas com rolinhos. Para grafitar os muros, paredes, tapumes e outras superfícies na cidade, os praticantes se organizam em grupos que trabalham às vezes dias inteiros na produção de suas imagens.
- 29 O *graffiti* se constituiu como uma prática de comunicação e visibilidade dos jovens que estão à margem dos centros de produção simbólica urbana, tendo surgido como uma das práticas culturais do movimento Hip Hop na década de 70 em Nova York, EUA, praticado por jovens urbanos que viviam nas periferias. Atualmente, o graffiti tem sido considerado como arte urbana, o que vem modificando a forma como ele é produzido nas ruas da cidade, inclusive com diversas solicitações do poder público para que as imagens

sejam produzidas. Várias galerias de arte foram criadas para comercialização de graffiti, encontros tem sido realizados reunindo grafiteiros do mundo todo, como a Bienal Internacional do Graffiti (BIG), que aconteceu em BH no mês de setembro de 2008. O graffiti assim tem se legitimado a partir de sua prática, como arte urbana, causando muitas discussões entre os praticantes sobre esta mudança de lugar de sua ação, já que o graffiti surgiu como uma forma de se apropriar da cidade sem autorização, como um modo de operar tático. E agora está sendo apropriado e ressignificado, pelas galerias e marchands, sendo atribuído até usos comerciais das imagens produzidas.

Imagem Rua da Bahia 07, em 09/03/09, onde podemos ver a dimensão da aplicação do estêncil.

- 30 Em Belo Horizonte, é recorrente encontrarmos junto aos graffiti a prática de escrita da cidade conhecida como pixação⁵, realizada pela inscrição nos muros usando spray automotivo. Além inscrições, que aparecem junto a *graffitis* e também a *stickers*, são realizadas com rolinhos de pintura, a técnica conhecida como bombi. Na imagem acima, encontramos um estêncil aplicado ao braço da menina de cabelos verdes grafitada, como se fosse uma tatuagem.

Dinâmica de uso e apropriação juvenil: uma situação

- 31 A partir da percepção da grande variedade de práticas de intervenção urbana acionadas por um certo grupo juvenil das cidades, aqueles que demarcam seus posicionamentos identitários a partir das suas inscrições, de seus *stickers*, estênceis e *graffitis*, propomos o acionamento de uma situação observada empiricamente e registrada em imagens fotográficas que identificamos neste artigo enquanto uma dinâmica de disputa de espaço e visibilidade no *Portão da Rua da Bahia*. Com essa observação tentamos perceber de que modo essa situação revela marcas da ação tática de ocupação de espaço na cidade, conformando uma situação comunicativa, materializada em uma narrativa com marcas juvenis.

Imagem Rua da Bahia 8 capturada em 21/06/09, na qual podemos ver dois jovens colando um sticker no Portão, <http://www.flickr.com/photos/alexianeca/1351323601/in/set-72157603223930502/http://www.flickr.com/photos/bonecobh/1360695973/>

- 32 Nas imagens 04 e 05 podemos acompanhar uma parte do processo de disputa pelo espaço, que se tornou bem mais constante e acirrada desde que os estênceis e *stickers* começaram a expandir sua área de atuação para as paredes ao lado do portão da Rua da Bahia, anteriormente apropriados pelos lambe-lambes. A disputa pelos espaços se tornou maior depois que os *stickers* começaram a ser retirados com cada vez mais frequência, permanecendo ainda menos tempo do que o de costume no portão, bem como os lambe-lambes, em resposta, começaram a ser arrancados dos muros. A prática de arrancar lambe-lambes das ruas da cidade não é exclusiva das pessoas que atuam na escrita da cidade com suas inscrições. Configura brincadeiras de crianças e jovens que habitam o centro, em uma disputa para ver quem tira o maior pedaço de papel, já com aparência de massa folhada, tantas são as camadas sobrepostas; e que às vezes param de fazê-lo por perceber a sujeira que os papéis picados configuravam na rua. Também configura passatempo de quem espera ônibus ou um encontro, como já constatado nas saídas de campo da pesquisa Cartografias Urbanas. Este movimento entre qual mensagem vai continuar na parede nos estimula a lembrar que a diversidade está sempre disputando os

espaços do centro, buscando comunicar sentidos às outras pessoas que experienciam o centro diariamente.

- 33 Mas nem sempre os conflitos invisibilizam a leitura de umas das mensagens dos diálogos em circulação na cidade. Após a postagem de uma reprodução de um estêncil, com um molde em tamanho real, da imagem de Elvis dançando na Rua da Bahia, alguém colocou um adesivo de balão com a chamada para uma peça de teatro que tinha seus bilhetes sendo vendidos do outro lado da rua, no Mercado das Flores, por causa da Campanha de Popularização de Teatro promovida nos meses de janeiro e fevereiro pela Prefeitura de BH.
- 34 Uma ação tática comunicativa foi apropriada por uma peça de teatro, que estava imbricada em um circuito comercial de teatro, ao utilizá-la para realizar a propaganda do espetáculo, ou seja, uma prática que existe a partir do modo de operar estratégico.
Na imagem Rua da Bahia 9, o modo de produção de stickers com carimbo visualizado.
- 35 Mas os lambe-lambes, que continuavam a cobrir as imagens em períodos cada vez mais curtos, foram arrancados, como uma prática de apagamento mesmo, do *Portão da Rua da Bahia* e suas imediações. A ação comunicativa foi rapidamente revidada e os stickers que ainda restavam foram arrancados e cobertos por novos lambe-lambes. A disputa pelo espaço dos portões da Rua da Bahia tomou grandes proporções, ou melhor, estimulou os interventores urbanos a postarem suas imagens em tamanhos bem maiores do que os usualmente utilizados. O muro e o portão foram praticamente cobertos com os anúncios de lambe-lambe, pintados com a imagem de uma mão, como podemos ver na imagem 5, que indica um anúncio de venda, apontando para um sticker com a imagem de uma menina de cabelo verde e um estêncil com a imagem de Santos Dumont um pouco mais acima.
- 36 Depois que o *graffiti* e a intervenção sobre os lambe-lambes foram feitos, duas novas participações na situação comunicativa foram produzidas pelos grupos de jovens, em grandes dimensões. Estênceis da imagem de Roberto Carlos e de Santos Dumont foram ampliadas e aplicadas como grandes selos onde estavam os estênceis de Elvis, já sobrepostos pelos lambe-lambes. Os selos nos remetem a uma forma de comunicação muito conhecida, as cartas, que percorrem caminhos distantes desde muito tempo antes das viagens possibilitadas pela internet. E, devido ao seu grande tamanho, as imagens podem ser observadas por quem está nos ônibus que passam e param na rua da Bahia.
- 37 Também podem ser vistos por quem está em carros, motos, caminhões, bem como por quem caminha do outro lado da rua, na calçada do Parque Municipal. Acompanha a imagem de Roberto Carlos, as palavras “Nu e Cru”, além de algumas estrelas prateadas, ali aplicadas. A cor verde do muro onde foi aplicado o estêncil pode ser uma referência ao portão da Rua da Bahia e a própria imagem do cantor, agora ampliada, poder ser relacionada à série anterior *destickers* produzidos a partir de estênceis com o mesmo molde só que em tamanho menor. A imagem de Santos Dumont foi aplicada junto às datas de seu nascimento e morte, 1873 e 1932, além de alguns desenhos do primeiro avião projetado. Um pequeno estêncil aplicado anteriormente da imagem de um bebê, assinada pelo coletivo Gton, não foi coberto pela aplicação do estêncil do Santos Dumont, e passou a compor a nova imagem, como algo para além do que a lembrança dos sujeitos do que havia antes ali escrito, como que um vestígio da experiência da situação comunicativa de uso do espaço, para os que não haviam percebido anteriormente.

- 38 A disputa por espaço e por visibilidade pode ser observada em variados âmbitos. Podemos afirmar que ela confere uma relevante dimensão simbólica ao espaço disputado, o que evidencia a importância de ter a sua “escrita” disponível à cidade e seus habitantes especificamente naquele espaço físico, e não em qualquer outro lugar, o que justifica a intensa substituição das intervenções, apagamentos, rasgos e, então, novas colagens, novos desenhos, novas mensagens, novas marcas. Nessa dinâmica percebemos também que há um extravasamento dos limites simbólicos do *Portão da Rua da Bahia* já que surgem intervenções nas paredes laterais que continuam a participar da situação comunicativa e, ao mesmo tempo, ampliam o espaço urbano ocupado. Essa ação demonstra que aquele lugar de fala é importante e, por isso, os grupos de intervenção urbana desejam ocupá-los com suas escritas.
- 39 A ampliação do tamanho das intervenções urbanas traz modificações no modo de produção dos estênceis e *stickers*, complexificando o processo que se estabelece nas ruas, exigindo novos métodos e novos materiais que sejam mais eficazes para lidar com as grandes dimensões e, ao mesmo tempo, com o contexto da ação, a rua, a noite e pressão do tempo, da rapidez. Diante desse contexto percebemos que os jovens interventores urbanos usam páginas de postagem de imagens na internet, como os *flickr*s, para trocar informações sobre os modos de produção das formas comunicativas de escrita da cidade e, com essa ação, criam uma rede de situações comunicativas entre as páginas de diversos interventores. Está configurado mais um ambiente de conexão e compartilhamento de sentidos entre os jovens integrantes dos coletivos urbanos.
- 40 Além de postarem imagens de suas intervenções, os jovens disponibilizam informações de como produzem suas marcas na cidade, dando a ver tanto os processos que são acionados na rua, como na imagem acima, como os processos de produção das formas comunicativas. Como exemplo desse compartilhamento dos modos de produção e de “saídas” para interagir com o contexto de ação acionamos as imagens 9 e 10 da fabricação de um carimbo, que é aplicado nos pequenos papéis em branco. Os comentários dos outros jovens que também têm seus próprios *flickr*s, visibilizam a potência de troca de sentidos e de constituição de uma rede que conecta os praticantes de intervenções urbanas na dimensão da internet.

Considerações Finais

- 41 As marcas que tentamos mapear com a identificação de ações de intervenção urbana evidenciam uma postura de ocupação e ressignificação dos espaços da cidade realizados por coletivos juvenis.
- Na imagem Rua da Bahia 10, os comentários dos outros jovens que realizam intervenções em Belo Horizonte.
- 42 Essas marcas configuram textos que posicionam seus produtores – ainda que em pontos instáveis e temporários, característica das identidades contemporâneas –, narram a cidade e convocam ao diálogo os que habitam e compartilham o mesmo espaço social.
- 43 Sabemos que esse diálogo acontece, muitas vezes, sob forte tensão e disputas de poder entre os próprios interventores, evidenciado na situação apresentada de disputa da visibilidade no *Portão da Rua da Bahia*, e também entre os interventores e as forças de regulação hegemônicas das sociedades, como identificado nas diversas tentativas de criminalização⁶ das ações de intervenção estética nas cidades.

- 44 Enquanto a tradicional doutrina ideológica escapa à estreiteza formal da escritura e ao simplismo panfletário, recuperando a expressividade e a polissemia da imagem, a “pichação” popular sai da clandestinidade dos sanitários e estende sua iconografia obscena e blasfematória pelos muros da cidade. A denúncia política se abre à poética e a poética popular se cobre de densidade política. Diversos modos de rebelião se encontram e se misturam *tatuando o protesto* na pele da cidade, como afirmou com inspiração Alberto Silva. (MARTIN-BARBERO, p. 288, 2001)
- 45 Essas ações de escrita juvenis são modos de ocupação “táticos” das cidades que tensionam os modos de operar “estratégicos” (CERTAU, 1994) e conformam novas dinâmicas de uso dos espaços urbanos a partir de práticas significativas que convocam outros sujeitos a reagirem à provocação. Essas demarcações são ações de resistência na medida em que expressam uma tomada de posição diante da cidade regulada e constituem redes de trocas de sentidos ampliando a potência da experiência compartilhada.

BIBLIOGRAPHY

- BABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BORELLI, Sílvia e OLIVEIRA, Rita. Vida na Metrôpole: Comunicação Visual e Intervenções Juvenis em São Paulo. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2008.
- BORELLI, Sílvia Helena & ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, Miatização e Nomadismos: a cidade como arena. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 5, n. 13, jul 2008.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007a
- FREIRE FILHO, João. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discurso Midiático, Juventude e Poder. In: **Revista Eletrônica E-compós**, agosto, 2006b.
- FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Famecos**, no. 27, 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- _____. “Quem precisa de identidade” In: SILVA, Tomás Tadeu.(org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- _____. **Representation: cultural representation and signifying practices**, London, Sage, 1997a.
- MAIA, João & PRATA, Pedro. Uma história de amor juvenil. **E-compós**, Brasília, V. 11, no. 1, 2008
- MAIA, João & KRAPP, Juliana. A cidade contemporânea: leituras e escritas do urbano. IN: Anais do XVIII Encontro Nacional dos Programas de Pós -Graduação em Comunicação (Compós)- CD-Rom, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MIGLIANO, Milene. **Diálogos públicos no centro de Belo Horizonte: mapas de sentidos em comunicação urbana**. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG. Belo Horizonte, 2009.

NOTES

1. A Internacional Situacionista surgiu como movimento artístico-político europeu em 1957 e estabeleceu-se a partir de matrizes diferentes, segundo Perniola (2008), que são: a busca pelo experimental, que tendia a realizações cada vez mais afastadas da arte tradicional; a indagação psicogeográfica que ia contra o funcionalismo arquitetônico no entendimento das relações entre o espaço urbano e o comportamento dos indivíduos; e a crítica aos procedimentos ecléticos e oportunistas que imperavam nos ambientes artísticos, em nome de uma frente revolucionária cultural.
2. Diários disponibilizados na internet como páginas pessoais para usuários do mundo todo.
3. Diários de imagens, também disponibilizados a partir de páginas padrões.
4. Páginas padronizadas para intercâmbio de imagens, nas quais os fotógrafos constroem redes de relacionamentos entre amigos reais, que compartilham o cotidiano e amigos virtuais, que compartilham sentidos
5. Usamos o termo pixação grafado com a letra “x”, assim como os pixadores o fazem, quando se apropriam da língua portuguesa pelas ruas.
6. No ano de 2008 o jornal Estado de Minas publicou como matéria de capa uma reportagem que apresentava os grafittis e seus produtores como representantes da ilegalidade, fazendo uma associação direta e sem questionamentos entre o jovem grafiteiro e jovem integrante de organizações criminosas, como o tráfico de drogas. Essa matéria apresentava uma ação do Ministério Público que tentava mapear os grafiteiros a partir da criação de perfis falsos em redes de sociabilidade na internet. Em outro contexto, mas revelando a mesma tendência equivocada à criminalização, na Alemanha a empresa responsável pelo transporte público de trens e metrô em Frankfurt está realizando uma campanha de incentivo à denúncia de atos considerados vandalismo – incluindo graffiti – oferecendo recompensa em dinheiro que pode chegar a 500 Euros. O slogan da campanha, em junho de 2009, é *Gemeinsam gegen Graffiti und Vandalismus* (Juntos contra o Graffiti e o Vandalismo).

ABSTRACTS

O artigo identifica e analisa intervenções culturais urbanas produzidas por jovens que habitam a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, Brasil. Essas intervenções se materializam nos espaços públicos da cidade, sob a forma de inscrições, pixações, *stickers*, estênceis, *graffitis*, e são abordadas nessa análise enquanto ações táticas (CERTEAU, 2004) de ocupação do espaço e modo de expressão na cidade e na cultura urbana contemporânea. Essas ações táticas visibilizam os posicionamentos identitários (HALL, 2000) que identificam os jovens enquanto participantes de coletivos de intervenção urbana. Além disso, constituem-se como

práticas comunicativas de resistência ao reconfigurarem diversos territórios simbólicos instituindo lugares de fala dos jovens na cidade.

This article identifies and analyses urban cultural interventions produced by young men who live in Belo Horizonte city, Capital of Minas Gerais State, Brazil. These interventions materialize on the city's public space under the form of inscriptions, pixações, stickers, stencils and graffiti, and are treated in this analysis as tatic actions (CERTEAU, 2004) of space occupation and way of expression in the city and on urban contemporary culture. These tatic actions make visible identity positions (HALL, 2000), which identify the youth as members of urban intervention collectives. Besides that, they are constituted as communicative practices of resistance as they reconfigure several symbolic territories instituting speaking places of the young people in the city.

INDEX

Keywords: city, youth interventions, identity positions

Palavras-chave: cidade, intervenções juvenis, posicionamentos identitários

AUTHORS

DANIELA MATOS

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, integrante do grupo de pesquisa COMCULT- Comunicação, Mídia e Cultura/UFMG. Bolsista FAPEMIG. E-mail: d.abreu.matos@gmail.com

MILENE MIGLIANO

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG, integrante do NP-Comunicação e Culturas Urbanas da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom. E-mail: milenemigliano2@gmail.com